

**APONTAMENTOS SOBRE AS ALDEIAS GUARANI PRÉ-COLONIAIS DOS  
VALES DOS RIOS PARANÁ - PARANAPANEMA**  
NOTES ON THE PRE-COLONIAL GUARANI VILLAGES OF THE PARANÁ -  
PARANAPANEMA  
RIVER BASIN

David Lugli Turtera Pereira  
Neide Barrocá Faccio

Vol. XII | n°23 | 2015 | ISSN 2316 8412



# Apontamentos sobre as aldeias guarani pré-coloniais dos vales dos rios Paraná - Paranapanema<sup>1</sup>

David Lugli Turtera Pereira<sup>2</sup>  
Neide Barroca Faccio<sup>3</sup>

**Resumo:** Apresenta-se neste artigo dados bibliográficos de pesquisas de campo que caracterizam particularidades e generalidades sobre as antigas aldeias guarani dos vales dos Rios Paranapanema e Paraná. Esses dados, quando possível, foram correlacionados com documentos etno-históricos e etnográficos, os quais ofereceram um *corpus* bibliográfico de interesse para a interpretação do registro arqueológico. O estudo de caso complementar do Sítio Célia Maria contribuiu para o entendimento das características de aldeias guarani dispostas mais distantes dos grandes vales.

**Palavras-chave:** Aldeias Guarani, Sítio Célia Maria, vales dos rios Paranapanema e Paraná.

**Abstract:** This paper aims to collect bibliographic data and conduct field research that characterize particularities and generalities about the old villages of Guarani of Paranapanema and Paraná valleys rivers. These data, when possible, were correlated with ethnohistory and ethnographic documents, which offered a bibliographic corpus of interest for the interpretation of the archaeological record. The additional case study Célia Maria Site helped to better understand the features of Guarani villages arranged the distance of the great valleys.

**Keywords:** Villages of Guarani, Célia Maria Site, Paranapanema and Paraná valleys rivers.

## INTRODUÇÃO

Buscamos, neste texto, apontar possíveis interpretações acerca das manchas de terra preta<sup>4</sup> registradas em documentos arqueológicos levantados em pesquisas de sítios guarani, na região do Vale do Rio Paranapanema (ProjPar<sup>5</sup>) e do Alto Paraná. Documentos que reportam aos guarani, historicamente conhecidos na região, e pesquisas etnográficas foram utilizados como dados de interesse para a comparação e interpretação do registro arqueológico.

<sup>1</sup> Agradecimentos à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neide Barroca Faccio, por abrir as portas do LAG (Laboratório de Arqueologia Guarani) na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT-UNESP), Brasil; bem como pelas preciosas orientações durante os trabalhos de campo e laboratório no Sítio Arqueológico Célia Maria, que frutificaram em minha dissertação de mestrado, e a todos os membros do LAG que, por meio das etapas de resgate, análise do material arqueológico e discussões de textos, tornaram possível a execução da dissertação mencionada. O presente artigo faz alusão ao capítulo seis de minha dissertação de mestrado, "Arqueologia Guarani na Bacia do Rio Santo Anastácio, SP: Estudo do Sítio Célia Maria", que teve como orientador o Prof. Dr. José Luiz de Moraes e contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de uma bolsa de mestrado.

<sup>2</sup> Doutorando em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil. Email: davidlugli12@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Livre-Docente em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), Brasil. Email: nfaccio@terra.com.br.

<sup>4</sup> Termo substituído por Morais (1999) por núcleo de solo antropogênico.

<sup>5</sup> Projeto Paranapanema

Nesse caminho interpretativo, as pesquisas realizadas em campo e em laboratório na área do Sítio Célia Maria, às margens do Córrego Itapiranga, situado na Bacia do Rio Santo Anastácio, Município de Marabá Paulista, SP, colocaram em evidência uma antiga aldeia de dimensão menor, se comparada às descritas no Vale do Paranapanema (FACCIO, 1992, 1998, 2011; MORAIS, 1999, 1999-2000; PALLESTRINI, 1975, 1984, 1988) e no Alto Paraná (KASHIMOTO, 1992, 1997; KASHIMOTO, MARTINS, 2008, 2009).

O trabalho apresentado contribui para o entendimento do sistema regional de ocupação guarani<sup>6</sup> no Vale do Alto Paraná/Paranapanema, como material complementar àqueles já desenvolvidos para essa região.

### **DAS TAPY'IGUASSU' GUARANI (Cabana Grande Guarani)**

A ocupação indígena guarani na região da bacia do Paraná e do Paranapanema abrange uma história de grande amplitude cronológica, que compreende uma faixa temporal iniciada em torno do século IV (Sítio Ragil)<sup>7</sup> até o século XIX, quando ocorreram a colonização do Oeste Paulista e a destruição paulatina das matas tropicais e regiões de cerrado, assim como a eliminação brutal das sociedades indígenas (SAMPAIO, 1890; MORAIS, 1999-2000). No entanto, o processo de colonização regional não aconteceu apenas no século XIX, uma vez que se iniciara nos aldeamentos jesuítas, no período de 1613 (aldeamento Araraá), e nas investidas dos bandeirantes nessa região, ainda no século XVII (FACCIO, 2011).

Inspirando-nos no conceito de sistema regional guarani (MORAIS, 1999-2000), foram correlacionados dados arqueológicos colhidos desde as pesquisas pioneiras de Luciana Pallestrini (1975) às informações etnográficas e etno-históricas, como as relativas à *tapy' iguassu'* (SCHADEN, 1974), ou cabana grande guarani, e sua composição espacial dentro da aldeia. Essas possíveis correlações estão embasadas no fato de que o registro arqueológico demonstra sua situação etnográfica (MORAIS, 1999-2000).

Buscou-se, assim, correlacionar os dados arqueológicos com os etnográficos relativo às aldeias, aguçados, sobretudo, pelas observações arqueológicas de Moraes (1999-2000) e Pallestrini (1975) e etnográficas de Schaden (1963, 1974). Descrevendo a forma como os guarani dispunham suas moradias, Schaden (1974, p. 33) relata:

No seio da mata, as suas aldeias, longe de constituírem conglomerados compactos de habitações, consistem em casas isoladas, mais ou menos distantes umas das outras,

<sup>6</sup> Coordenação entre os sítios ou conjuntos de sítios cartografados em certa região, que demonstram “relações concomitantes por contemporaneidade, similaridade ou complementaridade” (MORAIS, 1999-2000, p. 207).

<sup>7</sup> Com base em datações por termoluminescência apresentadas nos trabalhos de Faccio (2011).

espalhando-se pelas clareiras abertas na floresta [...] Não é possível determinar um centro da aldeia, a não ser que se considere como tal a habitação do *nanderú*, médico--feiticeiro, ou o *óyguatsú*, casa de festas religiosas. A construção em que se realizam as cerimônias é ponto de convergência das atividades sociais e religiosas do grupo, de modo que as aldeias maiores, em que haja dois ou mais chefes religiosos, tendem a decompor-se em outros tantos *núcleos bastante independentes*, cada qual com sua vida própria. Na maioria dos casos, essas unidades sociais constituem parentelas sob a direção de um chefe de família-grande.

A descrição etnográfica elaborada por Schaden (1974) assemelha-se as características do registro arqueológico descritas nas escavações realizadas no Paranapanema (MORAIS, 1999-2000; PALLESTRINI, 1975; PALLESTRINI, MORAIS, 1983-84). Nos estudos de Pallestrini (1975), verificamos que cada um dos sítios arqueológicos – Fonseca, Jango Luiz, Alves e Almeida – possui, em média, oito núcleos de solos antropogênicos, que foram interpretados pela autora como remanescentes das antigas habitações.

Estes sítios apresentaram perímetro de 200 m x 200 m e núcleos de solo antropogênico em um eixo máximo de 10 m a 20 m (PALLESTRINI, 1975). A disposição de cada núcleo antropogênico, em relação à configuração do sítio, não assumia nenhum padrão de organização territorial; em cada sítio analisado e escavado pela autora, os núcleos se encontravam em arranjo sempre diferente, embora as estruturas básicas que compunham um sítio residencial fossem sempre semelhantes (Ibidem, 1975).

Sobre as *tapy' iguassu'* dos guarani históricos, sabe-se que albergavam a família-grande, espaçosa o suficiente para abrigar várias dezenas de pessoas. A casa *Kayowá*, nome dado a uma parcialidade guarani identificada por Schaden (1974), satisfazia uma série de requisitos da organização social e religiosa, constituindo abrigo ideal para o conjunto de famílias nucleares que, congregadas sob a égide de um chefe único, formavam uma célula econômica, religiosa e política (SCHADEN, 1974).

A dinâmica de uma residência guarani histórica também pode ser apreciada por meio das descrições de Telêmaco Borba (1908) sobre a parcialidade *Cayguás* que, para Schaden (1974), seriam os *Mbyás* guarani, instalados no município de Tibagi, no Paraná. De acordo com os seus relatos, as casas abrigavam um número grande de habitantes, e cada família nuclear, ou casal nela instalada, possuía seu fogo para cozinhar. Fato típico do modo de vida dos guarani conhecidos historicamente, constituído por famílias extensas, compostas por dezenas de famílias nucleares, habitando a mesma casa grande (BORBA, 1908).

Algumas situações registradas no trabalho etnográfico e documentos históricos assemelham-se às características do registro arqueológico. Pallestrini (1975), analisando o Sítio Arqueológico Fonseca, interpreta que os núcleos de solo antropogênico corresponderiam às antigas cabanas, em número de oito, distribuídas pelo ápice da colina e representariam a configuração espacial da aldeia pré-colonial de 1.000

anos. A autora documentou os vestígios de fogueiras internas aos núcleos, como acúmulo de cinzas, carvão e terra queimada, com cerâmica e indústria lítica em seu interior. Interpretou-as como instrumento de atividades cotidianas, como cozimentos rápidos, e salientou que, dentro das habitações, havia fogueiras de dimensões variáveis e em lugares diversos. A disposição dessas antigas fogueiras pode, eventualmente, estar relacionada à descrição apresentada por Borba (1908) sobre o arranjo das famílias nucleares no interior das *tapy' iguassu'*.

A técnica de construção habitacional dos guarani foi amplamente discutida por Noelli (1993). Segundo o autor, quando é analisada “a planta baixa de habitação guarani temos a forma alongada elipsoidal e alongada retangular com extremidades arredondadas” (NOELLI, 1993, p. 82). Todo material utilizado na construção das casas tinha origem vegetal e, por isso, elas não duravam muito tempo, sendo necessário, ao grupo, fazer reparos esporádicos ou pequenos deslocamentos para construir novas habitações (NOELLI, 1993). Para o autor, o período máximo de ocupação dessas casas era de seis anos. Quando desocupadas, o material orgânico se decompunha, deixando como resíduo o carbono puro, enegrecido, originando o que Pallestrini (1975) chamou de manchas de solo enegrecido, ou remanescentes de habitações que constituíam a antiga aldeia pré-colonial.

Essas “manchas de terra preta”, assim denominadas pela pesquisadora, apresentaram-se como locais de grande densidade de material arqueológico se comparadas às áreas externas. No contexto arqueológico, as “manchas de terra preta” caracterizam-se por serem ovaladas e conterem camadas de depósito cultural<sup>8</sup>, sempre em terra preta, alcançando uma espessura de, no máximo, 40 cm sobre o solo básico (Ibidem, 1975).

As manchas pretas (PALLESTRINI, 1975), ou núcleos de solo antropogênico (MORAIS, 1999-2000), cujo tamanho e características de suas estruturas internas se assemelham ao de uma *tapy' iguassu'* (SCHADEN, 1974), foram considerados neste trabalho como habitação. No entanto, aqueles que apresentaram tamanho muito reduzido para uma habitação e pouca frequência de material arqueológico devem ser ponderados no sentido de, provavelmente, possuírem uma função diferente daquela de moradia (NOELLI, 1993).

Por meio do exame das aldeias pré-coloniais estudadas no Paranapanema (PALLESTRINI, 1975), buscou-se identificar os núcleos de solo antropogênico que pudessem ter tal funcionalidade distinta. Na aldeia do Sítio Jango Luiz, além dos núcleos antropogênicos que remetem inegavelmente às antigas habitações, verificam-se também outros que sugerem função diversa, dada a sua dimensão inferior em relação às áreas de moradia. Nesse sítio, pelo menos dois dos dez núcleos encontrados sugerem tratar-se

---

<sup>8</sup> O depósito é geralmente considerado como uma unidade analítica apropriada para identificar processos de formação. Um depósito é como uma porção tridimensional de um sítio que se distingue de depósitos adjacentes com base nas diferenças observáveis nos sedimentos e/ou artefatos (SCHIFFER, 2010).

de estruturas anexas às casas, as quais, embora com funções distintas, compõem o espaço e a organização da aldeia. Tal ideia é corroborada pela dimensão desses dois núcleos que, com diâmetro em torno de cinco metros, revelam-se espaço incompatível para abrigar uma casa (MILHEIRA, 2010). Essas áreas seriam utilizadas, portanto, para "trabalhos executados em locais externos aos das moradias, como processar alimentos, cozinhar, depositar gêneros, instalar o tipiti, produzir objetos diversos, ou até para o lazer, entre outras atividades" (NOELLI, 1993, p. 100).

### DISTRIBUIÇÃO E VARIABILIDADE ESPACIAL DAS ALDEIAS GUARANI

As aldeias guarani pré-coloniais situadas no Baixo Vale do Paranapanema e Alto Paraná situam-se em antigas áreas de floresta tropical, predominantemente na proximidade de grandes rios ou tributários, instaladas em terraços e vertentes com ampla visão paisagística, o que constitui estratégia específica de moradia, junto a fontes de recursos naturais como os afloramentos líticos e barreiros (MORAIS, 1999).

As aldeias guarani pré-coloniais de Iepê (FACCIO, 2011), Baixo Vale do Paranapanema, distam em torno de um quilômetro umas das outras, formando um grande adensamento distribuído na paisagem dos terraços marginais, na conformidade do padrão de ocupação guarani que se reproduziu por vários séculos. As aldeias guarani do antigo Guará de Guairá (KASHIMOTO, MARTINS, 2009) parecem reproduzir, no Alto Paraná, o mesmo modelo de distribuição.

Fontes documentais produzidas no século XVII como o relato do Padre Jesuíta Montoya (MANUSCRITO GUARANI, 1879) trazem alguns subsídios que podem ajudar na interpretação do adensamento das antigas aldeias guarani. Narra Montoya que os padres seguiram até o Rio Paranapanema, chegando, após dias de viagem, ao braço do Rio Pirapó, onde, tendo encontrado pequena povoação com 200 pessoas, fundaram a Igreja Nossa Senhora de Loreto. Nas vizinhanças, registraram 26 arraiais pequenos, considerados como aldeias, e outros tantos um pouco maiores (Ibidem, 1879).

Soares (1997), com base em exame bibliográfico etno-histórico sobre os guarani, sustenta a tese de que a formação da aldeia guarani por uma ou mais famílias extensas acontecia pelo agrupamento de pessoas ligadas por laços sanguíneos ou afinidade, que demonstrassem parentesco e estivessem em torno de uma pessoa de prestígio ou chefe da casa. Nesse aspecto, a chefia teria importância fundamental para manter agregados seus parentes, determinando as regras da residência.

A família extensa, tratada por Soares (1997) como *kindred* (sentimento de pertença ou unidade social), poderia ter tamanhos diversos dependendo do prestígio pessoal do líder político e/ou religioso que habitava a casa grande. Assim, acredita-se que tanto a morfologia da aldeia quanto o tamanho de suas

habitações estavam ligados ao conceito de *kindred* e ao prestígio do chefe. Essa hipótese de trabalho também se sustenta nos manuscritos do Padre Montoya do século XVII, nos quais pontua o poder dos chefes de aldeia que, "com sua fala bonita, juntavam as pessoas, tornando-as suas vassalas, para que lhes preparassem sua roça e sua casa" (MANUSCRITO GUARANI, 1879, p.107), e acrescenta, "se o principal desejar suas filhas o pai lhes dá, relatam-se chefes com 15, 20 e outros, 30 mulheres" (Ibidem, 1879, p. 107).

As plantas dos sítios arqueológicos descritos nas pesquisas da bacia do Rio Paranapanema (PALLESTRINI, 1975) e Paraná (CABRERA, 2009; PALLESTRINI, 1984; PEREIRA, 2011), registram variações na morfologia dos assentamentos guarani, que apresentaram perímetro de 100 x 50 metros (Sítio Nunes) a 400 x 200 metros (Sítio Prassévichus), assim como no número de manchas pretas identificadas, com o mínimo de três (Sítio Célia Maria e Nunes) e o máximo de 17 (Sítio Lagoa São Paulo 02).

Os sítios arqueológicos que apresentaram as maiores áreas<sup>9</sup> foram o Prassévichus (Alto-Médio Paranapanema), com 80.000 m<sup>2</sup>, o Sítio Lagoa São Paulo (Alto Paraná), com 50.000 m<sup>2</sup>, e o Sítio Fonseca (Alto-Médio Paranapanema), com 47.500 m<sup>2</sup> (Figura 1), contendo, em seus domínios, nove, treze e oito núcleos de solo antropogênico, respectivamente (PALLESTRINI, 1975; PALLESTRINI, 1984). Os sítios do Baixo Paranapanema localizados em área de depleção não puderam ser mapeados em sua totalidade, mas, provavelmente, devem ter atingido dimensões e quantidades de núcleos antropogênicos semelhantes às citadas em relação ao Alto-Médio Paranapanema e Alto Paraná (FACCIO, 2011).

---

<sup>9</sup> As áreas dos sítios arqueológicos foram delimitadas com base nas concentrações e dispersões de objetos arqueológicos, núcleos de solo antropogênico, estruturas de combustão e estruturas funerárias.

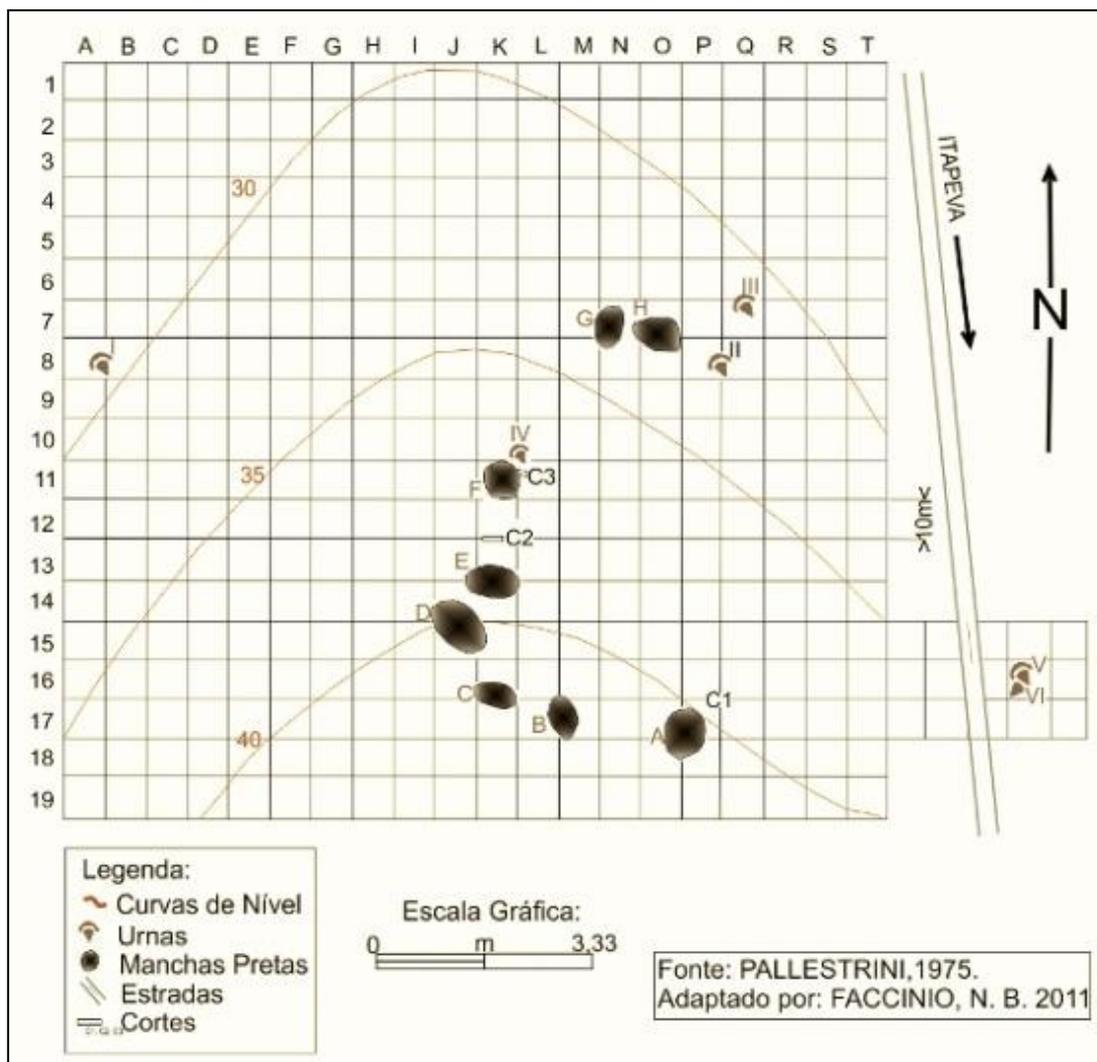
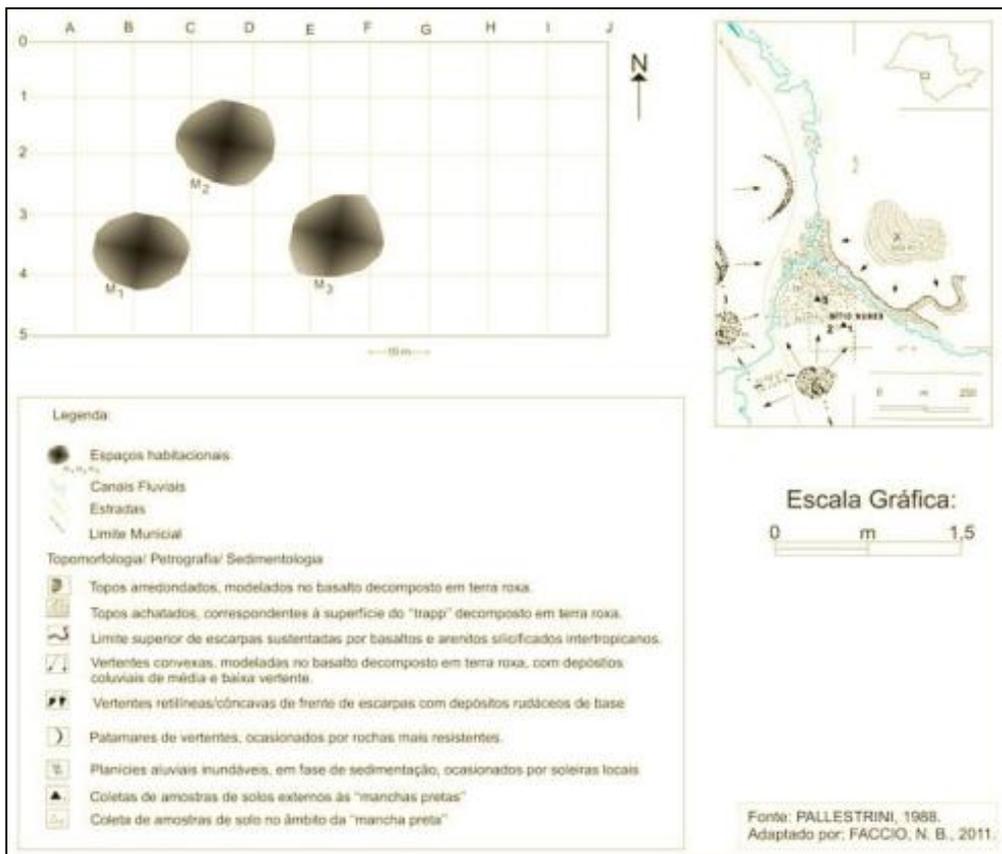


Figura 1: Área do Sítio Arqueológico Fonseca.

Outros sítios de área menor foram evidenciados em contexto regional, como o Alves e o Almeida (Alto-Médio Paranapanema) os quais apresentaram, respectivamente, áreas de 16.900 m<sup>2</sup> e 10.800 m<sup>2</sup>, possuindo, em seus domínios, sete e nove manchas pretas. O Sítio Nunes, localizado no Alto-Médio Paranapanema (Figura 2), e o Célia Maria (Alto Paraná) apresentaram em seus domínios espaciais apenas três núcleos de solo antropogênico, o menor número de manchas por sítio habitação conhecido na região (FACCIO, 2011).



**Figura 2:** Área do Sítio Arqueológico Nunes.

Sítios de pequeno porte<sup>10</sup>, com pouca densidade de material arqueológico, foram registrados por Faccio (1998) e podem estar associados a áreas de acampamento sazonal ou de atividades de roça. Essas duas áreas junto à aldeia faziam parte de um sistema de exploração ecológica, tipicamente guarani, assegurando em seu território (*tekoá*) seu domínio de influência político-espacial e o melhor aproveitamento dos recursos naturais (NOELLI, 1993).

O tamanho dos núcleos de solo antropogênico dentro dos sítios arqueológicos também variou. No Sítio Alves (Figura 3), trabalhado por Pallestrini (1975), foram observados sete núcleos de solo antropogênico de diferentes tamanhos, alguns, até três vezes maiores que os demais, tendo um dos núcleos apresentados diâmetro de quase 30 metros. A variação da dimensão da aldeia e das habitações guarani pode estar atrelada à própria constituição espacial de uma família extensa e ao prestígio dos chefes familiares (SOARES, 1997).

<sup>10</sup> Área menor, com baixa densidade de material arqueológico. Geralmente, são considerados como locais de atividades especiais ou acampamentos (FACCIO, 2011; NOELLI, 1993; MILHEIRA, 2010).

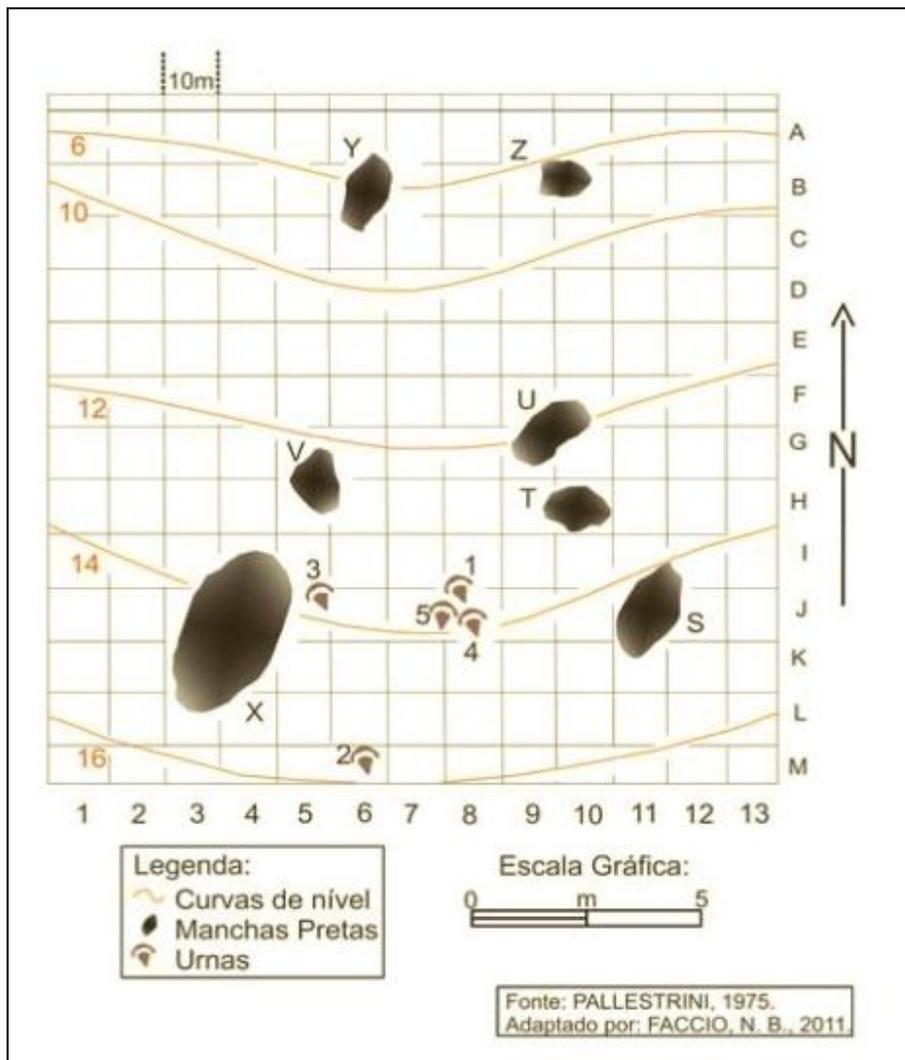


Figura 3: Área do Sítio Arqueológico Alves.

A variabilidade da configuração espacial dos núcleos antropogênicos dentro dos sítios sugere, diante os documentos etnográficos, certo individualismo entre as famílias ou parcialidades guarani que compõem uma aldeia. Isso porque o primeiro nível de organização social guarani é a casa comunal, que constitui a célula econômica e religiosa de vida. A aldeia, em contrapartida, caracterizava-se por uma flexibilidade organizacional, que poderia dividir ou integrar o corpo social, associada a um complexo de relações individualizadas entre cada casa de família extensa (VIVEIROS DE CASTRO, 1986). Viveiros de Castro (1986) considera que o individualismo que marca a formação social desses grupos é um produto agregado de relações individualmente negociadas que, a nosso ver, é o motor do desmembramento e da aglomeração de aldeias.

Esse complexo sistema social não só resultaria em uma configuração aldeã muito plástica e fluídica, como o fracionamento de uma aldeia poderia também implicar a fundação de outro agrupamento próximo, colaborando com o adensamento guarani (NOELLI, 1993; VIVEIROS DE CASTRO, 1986). O registro

arqueológico materializa essa plasticidade na organização socioespacial de suas aldeias, cuja falta de padrão parece caracterizar os conjuntos habitacionais cartografados: o Sítio Fonseca forma um semicírculo de manchas espaçadas, com a parte aberta da circunferência voltada ao eixo leste; o Sítio Jango Luiz parece formar pequenos agrupamentos em trio, concentrados em uma porção do sítio; o Sítio Lagoa São Paulo 2 forma uma circunferência completa, com as manchas pretas bem espalhadas pelo terreno; tanto no Jango Luiz quanto no Prassévichus, foi notada a presença de três manchas enfileiradas, formando uma configuração alongada (PALLESTRINI, 1975; CABRERA, 2009).

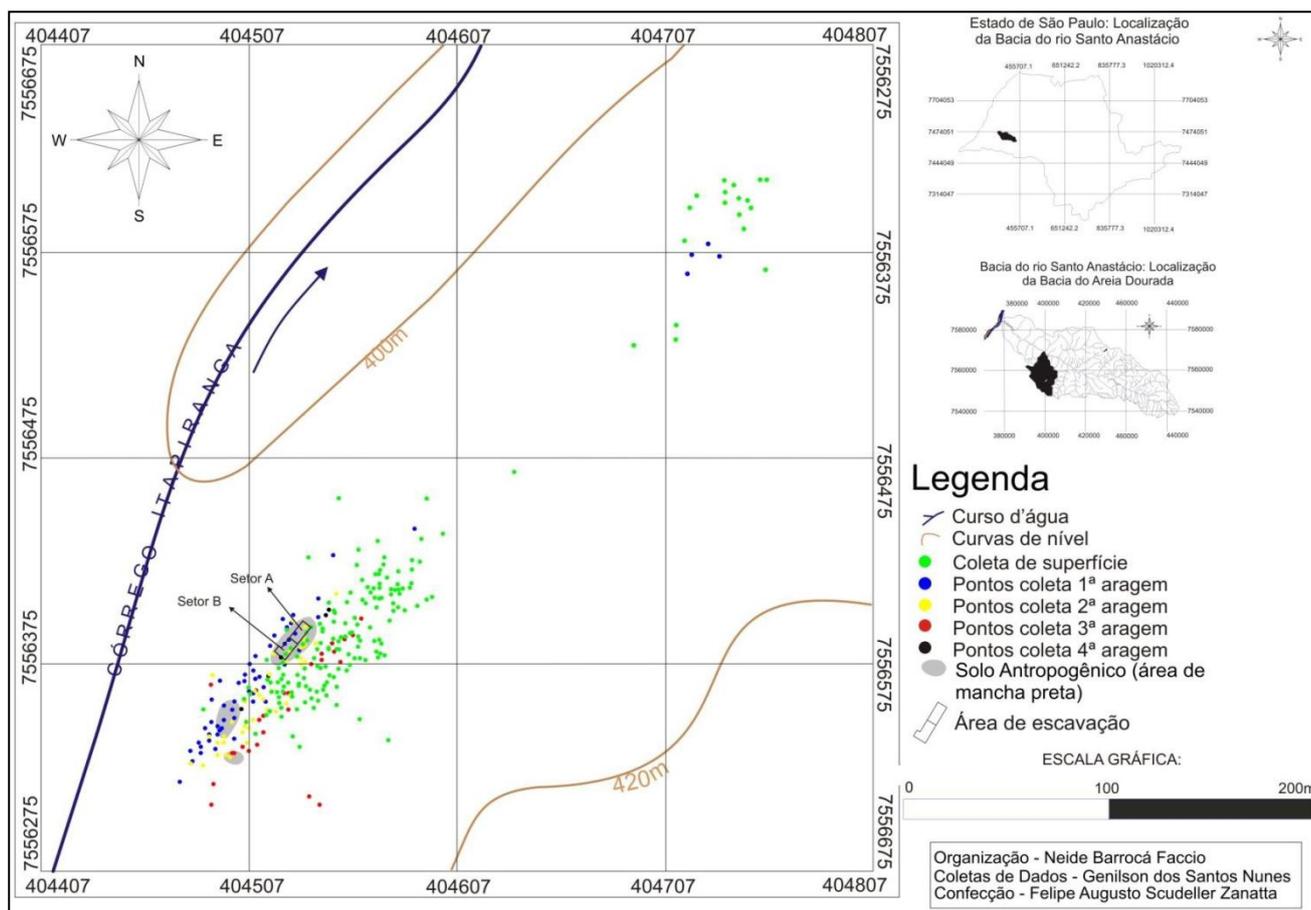
A configuração das habitações variou de caso a caso. Em alguns sítios, elas se encontram dispersas e, em outros, as manchas concentram-se em um perímetro do assentamento. No entanto, parte de todos os sítios analisados formam uma espécie de semicírculo, ou formato de "U" (ferradura), com a parte aberta apontada para o leste. Essa característica espacial é semelhante aos relatos etnográficos que apontam os guarani configurando suas casas, a partir do eixo solar leste para oeste, com a praça situada na extremidade leste, e a casa na extremidade oeste. Assim, pela manhã, a *opy* (casa de preces guarani) era irradiada pelo sol nascente (CLASTRES, 1978).

Outra característica que tem fortes implicações na configuração das antigas habitações é o movimento de reocupação traduzido na expansão e contração das aldeias indígenas. Esse processo demonstra que a disposição das habitações está, em alguns casos, em lenta e contínua movimentação, gerando mudanças consideráveis no registro arqueológico que incorpora esses movimentos, misturando-se evidências materiais de tempos diferenciados (MOI, 2007; MORALES, 2007; SCHIFFER, 2010). O resultado desse processo sistêmico é o "superdimensionamento de área e população de um sítio, mascarando os padrões de organização espacial e de utilização interna dos assentamentos" (MORALES, 2007, p. 85). Assim, em certas circunstâncias pode ocorrer um adensamento de vestígios arqueológicos uniforme em alguns locais e aleatório em outros, refletindo em dois conjuntos de processos de formação distintos em relação ao tempo e ao processo de expansão ou contração da aldeia (CARR, 1984). Aldeias pré-coloniais de grandes dimensões, apresentando numerosos núcleos antropogênicos de tamanhos diferenciados e com distribuição espacial variada podem ter sido produto de diversas ocupações cronologicamente distintas.

Ainda não foram realizados, no âmbito regional da Bacia do Paraná e Paranapanema, estudos comparativos entre os diversos núcleos antropogênicos que compõem um sítio guarani, sobretudo, com base em datações absolutas específicas para cada nucleação. Análises nessa linha viabilizariam uma melhor compreensão quanto aos movimentos de ocupação, abandono e reocupação, esboçando um primeiro estudo diacrônico que trate da configuração das aldeias pré-coloniais guarani.

### ESTUDO DE CASO: O SÍTIO ARQUEOLÓGICO CÉLIA MARIA

No contexto da bacia do alto Rio Paraná, margem paulista, foram prospectados três núcleos de solo antropogênico, na área do Sítio Célia Maria dos quais um foi decapado subsuperficialmente, como apresentado no Mapa 1.



**Mapa 1:** Pontos de coleta de superfície e argens localizados no Sítio Célia Maria, Marabá Paulista, SP.

Os vestígios arqueológicos evidenciados forneceram dados importantes a respeito da organização socioespacial deste sítio. Nos três núcleos de solo antropogênico, denominados A, B e C, foi observada variabilidade em suas dimensões e na densidade de material. O núcleo A, com dimensão de 16 x 8 metros, apresentou grande quantidade de fragmentos cerâmicos, sobretudo do tipo com tratamento de superfície liso e pintado, fragmento de *tembetá* em quartzo, seixos, fragmentos de rocha bruta e estrutura de combustão (composta por fragmentos de carvão e terra queimada). Os núcleos B e C, por sua vez, com dimensões de 10 x 8 metros e de 5 x 4,5 metros, respectivamente, apresentaram concentração e frequência de fragmentos cerâmicos bem menores, sem vestígios de atividades de combustão.

Segundo os levantamentos arqueológicos associados às pesquisas bibliográficas que tratam das fontes etno-históricas e etnográficas guarani, infere-se que o núcleo A apresentou a configuração de uma *tapy' iguassu'*, abrigando uma provável família extensa guarani (BORBA, 1908; MORAIS, 1999-2000; SCHADEN, 1974).

Na Figura 4, observamos o setor de escavação A no contexto do núcleo antropogênico A, com cinco reconstituições gráficas da forma das vasilhas a partir de fragmentos de bordas, sugerindo formas e funções aos recipientes, um fragmento de tembetá e uma estrutura de combustão que apresentou carvão e terra queimada em seu interior. Foram evidenciadas, nesse setor, quatro painéis de tamanhos diferentes que, se associadas à estrutura de combustão, formariam, nesse conjunto espacial, vestígios de atividades de preparo e consumo de alimentos.

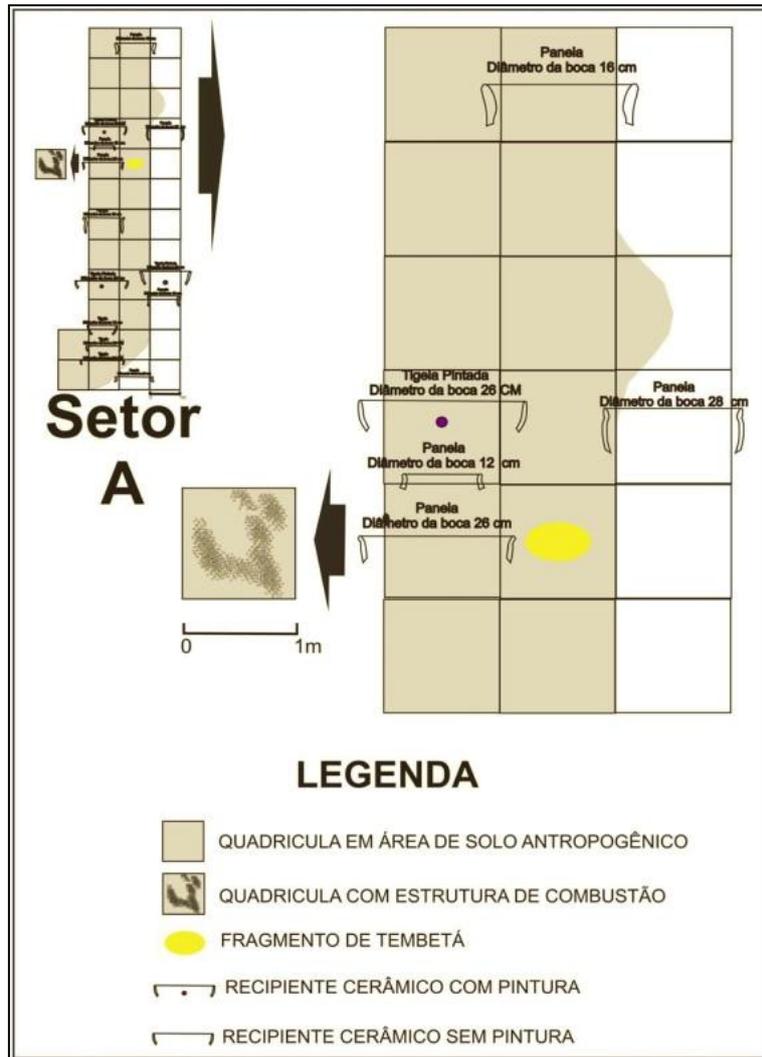
No setor A, foi identificada ainda uma possível *cambuchi caguabá*<sup>11</sup>, com diâmetro de boca de 26 cm, com bordas diretas em possível formato de cuia. Essa antiga tigela, por apresentar pintura, pode ter sido usada em ocasiões especiais. Considera-se que, por seu tamanho, o uso que se fez desse recipiente estaria associado ao consumo coletivo de bebida ou comida, pelos membros de um pequeno grupo (BROCHADO, MONTICELLI, 1994).

A estrutura de combustão indicaria, segundo relato etno-histórico de Borba (1908), o número de famílias nucleares de uma casa. No Núcleo A, apenas uma estrutura de combustão com concentração bastante acentuada de carvão foi decapada, em contexto amplamente perturbado pela ação do arado e de outros maquinários agrícolas. Outros fragmentos dispersos de carvão foram igualmente prospectados em outras quadrículas, sem que pudesse atribuir a esses vestígios, com o mínimo de certeza, sua composição numa possível estrutura de combustão.

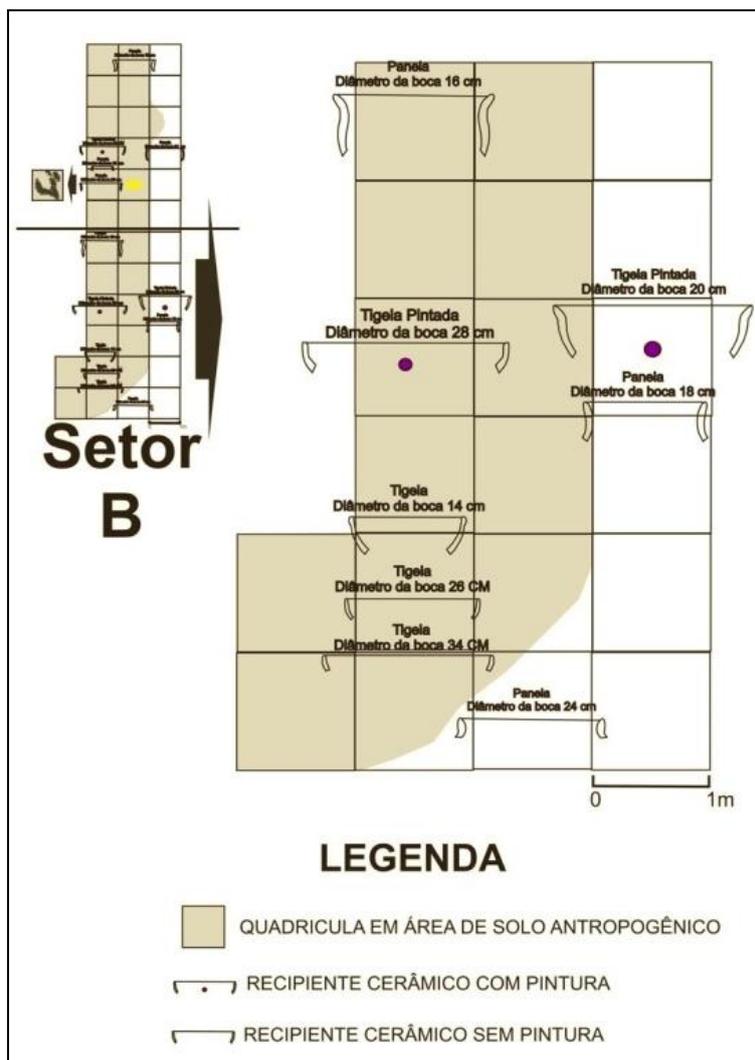
O fragmento de *tembetá* foi o único material confeccionado sobre rocha, encontrado na área do Sítio Célia Maria. Feito sobre quartzo, esse adorno era costumeiramente utilizado no lábio inferior dos homens. Além da função decorativa, era também um objeto especial por estar associado a ritos de passagem ou de iniciação dos jovens para a fase adulta (BORBA, 1908; BORGES, 2002).

Na Figura 5, foi analisado o setor B, com oito reconstituições gráficas de fragmentos de bordas. Foram reconstituídas, nesse setor, três painéis, duas tigelas pintadas e três tigelas simples. As peças, que apresentaram dimensões de 28 e 34 cm de diâmetro de boca, devem ter sido utilizadas de forma comunal. Seria nesses espaços, dentro da residência, que a família nuclear se alimentava em conjunto, reforçando seus laços afetivos e a reciprocidade com a família extensa (NOELLI, 1993; SOARES, 1997).

<sup>11</sup> Tigela para beber (BROCHADO, MONTICELLI, 1994).



**Figura 4:** Decapagem do núcleo de solo antropogênico A – Setor A. Sítio Arqueológico Célia Maria, Marabá Paulista, SP.



**Figura 5:** Decapagem do núcleo de solo antropogênico A – Setor B. Sítio Arqueológico Célia Maria, Marabá Paulista, SP.

Para os demais núcleos, duas sugestões podem ser apresentadas: 1- seriam nucleações menores, onde viviam de quatro a cinco pessoas (SOARES, 1997); 2- como estruturas anexas, formavam locais multifuncionais dentro da aldeia (NOELLI, 1993).

Por meio do cálculo de densidade demográfica dos fragmentos cerâmicos ( $Dd=Pa/A$ )<sup>12</sup> de cada núcleo, pôde-se fazer uma análise comparativa entre eles. O núcleo A, classificado como habitacional, apresentou densidade demográfica de 11,18 fragmentos de cerâmica por m<sup>2</sup>, enquanto para o núcleo B a densidade foi de 0,33 fragmentos de cerâmica por m<sup>2</sup>, e de 0,22 fragmentos de cerâmica por m<sup>2</sup>, para o C. Pode-se inferir que as atividades ou usos do assentamento estavam concentrados no Núcleo A, o qual, além de possuir maiores dimensões, também apresentou frequência de material muito superior à dos demais núcleos de solos antropogênicos.

<sup>12</sup> Dd = Densidade demográfica; Pa = População absoluta; A = Área.

Registra-se, também, que muitos fragmentos cerâmicos foram recuperados em áreas externas, fora do núcleo antropogênico, mas, muitas vezes, adjacentes a ele. A partir dessa breve explanação, uma pergunta deve ser levantada: 1- que processos do sistema comportamental pretérito atuaram no sistema de descarte de material arqueológico no Sítio Célia Maria?

Acredita-se que a maior parte dos objetos arqueológicos (principalmente os fragmentos de cerâmica) tenha sido abandonado em seu local de uso, e não removidos ou transportados para outros locais. Essa afirmativa explicaria a alta concentração de fragmentos de cerâmica na área do núcleo A, provável núcleo de habitação, sobretudo os fragmentos localizados próximos à área de combustão (SCHIFFER, 1972).

Outra hipótese seria a remoção do excesso de recipientes cerâmicos inutilizados, ou não aproveitados em outras funções, para as áreas adjacentes ao local de moradia e/ou de atividade cotidiana. Essa possibilidade foi observada durante a etapa de decapagem, quando as quadrículas periféricas ao solo antropogênico do núcleo A foram apresentando, gradativamente, das mais próximas às mais distantes, uma redução na quantidade de fragmentos cerâmicos.

Assim, levanta-se a hipótese de o sítio Célia Maria apresentar características em seu registro arqueológico de uma antiga aldeia guarani composta por uma casa de família extensa (Núcleo A) e duas possíveis áreas anexas com funções e atividades distintas daquelas de morar (Núcleos B e C). As dimensões dos núcleos, a intensidade de material cerâmico neles evidenciados e a reconstituição gráfica das bordas de cerâmica foram os dados utilizados para definir essas áreas. Infelizmente, o material cerâmico, altamente fragmentado, não permitiu a identificação dos tipos de vasilhas que predominavam em cada núcleo antropogênico.

## O QUADRO CRONOLÓGICO REGIONAL

No Baixo Vale do Rio Paranapanema, Faccio (2011) estabeleceu suas datações absolutas por meio do método de termoluminescência, confeccionando um quadro cronológico para os sítios arqueológicos de Iepê-SP que testemunharam eventos culturais importantes na região.

Tomando como premissa que as dimensões de um *tekoá*<sup>13</sup> podem abranger um domínio de 50 km (NOELLI, 1993; MILHEIRA, 2010), tratando-se de uma propriedade comunal e exclusiva definida por marcos naturais importantes (MELIÁ, 1981) que materializam uma união sociopolítica das famílias extensas

---

<sup>13</sup> O território guarani não se encerrava no *amundá* (aldeia guarani), que formava apenas o espaço habitacional. Fora do perímetro da aldeia, localizavam-se as roças e, ao seu final, a mata circundante ou o *ka'aguy* (mato), constituindo todo esse sistema territorial, denominado *tekoá* (NOELLI, 1993).

(SOARES, 1997) dependente de uma chefia que integre essas unidades familiares (LADEIRA, 2008) e com características socioespaciais associadas à rotação de cultivos em áreas sucessivas, com caráter expansionista de produção do modo de vida guarani (MELIÁ, 1981); acreditamos que os sítios arqueológicos filiados à tradição guarani, da cidade de Iepê, estudados por Faccio (1992, 1998, 2011), possuam as características básicas de um território pré-colonial guarani.

A hipótese também se baseia na contemporaneidade cronológica desses sítios (FACCIO, 2011), que assinalam uma faixa temporal de  $\pm 850$  anos antes do presente para o Sítio Capisa até  $\pm 700$  anos antes do presente para o Sítio Aguiha. Dentro desses 150 anos de ocupação regional incluem-se os Sítios Neves ( $\pm 755$  A.P.), Lagoa Seca ( $\pm 770$  A.P.), Terra do Sol Nascente ( $\pm 750$  A.P.) e o Pernilongo ( $\pm 750$  A.P.). Provavelmente pela localização e proximidade desses sítios no espaço tratar-se-ia de possíveis deslocamentos oriundos do abandono ou do desdobramento da aldeia mais antiga para outro agrupamento mais recente (NOELLI, 1993; MILHEIRA, 2010). Essas antigas aldeias guarani localizam-se em área com abundantes recursos naturais, terras férteis e proximidade do Rio Paranapanema, caracterizando-se por alta densidade e variabilidade de fragmentos cerâmicos e líticos, estruturas funerárias e de combustão (FACCIO, 2011) que poderiam indicar o maior prestígio de suas lideranças (SOARES, 1997).

Fenômeno arqueológico semelhante ocorre no Alto Paraná, margem direita, Estado do Mato Grosso do Sul, com a presença de grandes aldeias guarani, sobretudo ao sul do Rio Pardo (KASHIMOTO, MARTINS, 2009). As datações de Kashimoto (1997) para os sítios localizados na cidade de Bataguçu - MS formam uma faixa cronológica de  $625 \pm 40$  anos antes do presente para o sítio MS-PR-35 até  $370 \pm 20$  anos do presente para o Sítio MS-PR-22. Paralelamente, no Estado de São Paulo, a uma distância de aproximadamente 36 km, ocorre a presença de dois grandes sítios denominados Lagoa São Paulo e Lagoa São Paulo 2 (CABRERA, 2009; PALLESTRINI, 1984), ambos localizados na cidade de Presidente Epitácio - SP. Apenas o Sítio Lagoa São Paulo foi datado no ano de  $\pm 1.050$  anos antes do presente. Já no espigão divisor de águas entre as Bacias do Paraná e Paranapanema encontra-se o sítio Célia Maria, Marabá Paulista - SP, datado, por termoluminescência, no ano de  $450 \pm 60$  anos antes do presente.

O quadro cronológico regional nos permite avaliar, ainda que de forma incipiente<sup>14</sup>, que as aldeias guarani pré-coloniais situadas em nossa área de estudo abrangem uma faixa cronológica de aproximadamente 1000 anos antes do presente até 300 anos antes do presente, como apresentado na tabela 1. A data de  $\pm 1668$  anos antes do presente para o Sítio Ragil excede em quase 700 anos o quadro

<sup>14</sup> Necessita-se de constante reatualização do quadro cronológico regional com base nas novas pesquisas e dados levantados. Poucas datações foram obtidas para os sítios guarani localizados na margem esquerda do Alto Paraná, Estado de São Paulo, bem como são desconhecidas ou ainda não publicadas as pesquisas que tratem de sítios guarani na bacia do Santo Anastácio (com exceção do Sítio Célia Maria, objeto deste texto) e do Peixe, ambos afluentes do Rio Paraná no Estado de São Paulo.

cronológico estabelecido para região e deve ser tomado com prudência, até que novas pesquisas na região possam confirmar ou refutar esse dado.

Data A.P.	Método de datação	Laboratório	Sítio	Cidade - Bacia Hidrográfica	Fonte
±1.668	TL	Datação, Comércio e Prestação de Serviços	Ragil	Iepê - Baixo Paranapanema-SP	Faccio, 2011
±1.093	TL	Datação, Comércio e Prestação de Serviços	Ragil 2	Iepê - Baixo Paranapanema-SP	Faccio, 2011
±850	TL	Datação, Comércio e Prestação de Serviços	Capisa	Iepê - Baixo Paranapanema-SP	Faccio, 2011
±755	TL	Datação, Comércio e Prestação de Serviços	Neves	Iepê - Baixo Paranapanema-SP	Faccio, 2011
±770	TL	Datação, Comércio e Prestação de Serviços	Lagoa Seca	Iepê - Baixo Paranapanema-SP	Faccio, 2011
±750	TL	Datação, Comércio e Prestação de Serviços	Terra do Sol Nascente	Iepê - Baixo Paranapanema-SP	Faccio, 2011
±750	TL	Datação, Comércio e Prestação de Serviços	Pernilongo	Iepê - Baixo Paranapanema-SP	Faccio, 2011
±700	TL	Datação, Comércio e Prestação de Serviços	Aguinha	Iepê - Baixo Paranapanema-SP	Faccio, 2011
450±60	TL	Datação, Comércio e Prestação de Serviços	Célia Maria	Marabá Paulista - Alto Paraná-SP	Pereira, 2011
±1.050	TL	Gif-Sur-Yvette	Lagoa São Paulo	P. Epitácio - Alto Paraná-SP	Pallestrini, 1984
625 ± 40	C-14	CNRS	MS-PR-35	Bataguçu - Alto Paraná-MS	Kashimoto, 1997
580 ± 40	C-14	CNRS	MS-PR-39	Bataguçu - Alto Paraná-MS	Kashimoto, 1997
565 ± 40	C-14	CNRS	MS-PR-55	Bataguçu - Alto Paraná-MS	Kashimoto, 1997
480 ± 30	C-14	CNRS	MS-PR-26	Bataguçu - Alto Paraná-MS	Kashimoto, 1997
370 ± 20	C-14	CNRS	MS-PR-22	Bataguçu - Alto Paraná-MS	Kashimoto, 1997

**Tabela 1:** Datações não calibradas dos sítios arqueológicos guarani localizados nas cidades de Iepê--SP, Presidente Epitácio-SP, Marabá Paulista-SP e Bataguçu-MS.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo é uma síntese dos trabalhos arqueológicos realizados em sítios guarani no contexto da bacia do Paranapanema e Alto Paraná. Nesses termos, os dados arqueológicos foram confrontados com os dados etno-históricos e etnográficos, objetivando um esboço interpretativo sobre os núcleos de solos antropogênicos, morfologia da aldeia e território guarani.

Discutiram-se morfologia, dimensão e características das estruturas internas dos núcleos antropogênicos o que nos levou a sugerir tratar-se, em alguns casos, da casa grande de uma família extensa guarani. Em outros casos, quando ocorreu uma baixa frequência de material arqueológico dentro das nucleações e seu tamanho era incompatível com a de uma habitação, sugeriu-se uma outra função para esse local, podendo ter sido utilizado como área anexa a casa grande, atendendo a diferentes tarefas.

A morfologia das antigas aldeias guarani não apresentou na região nenhum padrão espacial. Acredita-se que essa característica esteja relacionada ao que Soares (1997) chamou de *kindred* onde o prestígio de um líder político-religioso influenciava no tamanho das habitações, como também, na agregação ou desdobramento de um agrupamento. Essa configuração plástica e fluídica implicaria uma variabilidade da dimensão das casas, do número de casas por aldeia e na sua disposição na paisagem.

No contexto do Baixo Paranapanema e Alto Paraná pode-se afirmar que entre 1000 até 300 anos antes do presente houve uma forte expansão guarani por esses canais principais, ocupando os terraços e várzeas da geomorfologia local. As margens dos canais principais, por apresentarem melhores condições de captação de recursos, navegabilidade e aproveitamento da matéria-prima foram intensamente povoadas, sendo registrados nesses locais os sítios arqueológicos com grande densidade e variabilidade de objetos arqueológicos, estruturas funerárias e de combustão, bem como, em número e dimensão de núcleos de solos antropogênicos.

Concomitante à ocupação dos canais principais houve o deslocamento e/ou expansão das nucleações guarani para os tributários mais afastados. O Sítio Célia Maria, nesse contexto, encontra-se em topo de interflúvios que separam as bacias do Paraná e Paranapanema em área ecológica menos favorável, longe de rios navegáveis, de fontes líticas para lascamento e dos solos basálticos que compõe as margens dos Rios Paraná e Paranapanema. Com base nos dados arqueológicos e nos documentos etno-históricos e etnográficos analisados, acredita-se que o sistema social/cultural guarani definiu hierarquias de ocupação da região sob análise, onde as zonas ecológicas mais favoráveis foram fruto de um maior agrupamento por influência do prestígio de suas lideranças e as zonas ecológicas menos favoráveis a um menor agrupamento, devido ao baixo prestígio de seus chefes, mas que, no entanto, configurariam componentes importantes do território guarani.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORBA, T. *Actualidade Indígena* (Paraná, Brazil). Cutitiba: Imprensa Paranaense, 1908.
- BORGES, P. H. P. Sonhos e nomes: as crianças guarani. *Cad. CEDES*, Campinas, v.22, n. 56, abr. 2002.
- BROCHADO, J. P.; MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani por comparação com vasilhas inteiras. *Estudos Ibero- Americanos*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 107-118, dez. 1994.
- CABRERA, J. Í. D. A. *O Sítio Arqueológico Lagoa São Paulo-02: uma Análise Geoarqueológica de uma Ocupação Pré-Histórica do Oeste Paulista*. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FCT – UNESP, 2009.
- CARR, C. The nature of organization of intrasite archaeological records and spatial analytic approaches to their investigation. *Advances in archaeological method and theory*, p. 103-222, 1984.
- CLASTRES, H. *Terra sem mal: o profetismo tupi-guarani*. São Paulo: Brasiliense, 1978
- FACCIO, N. B. *Estudo do Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema*. 1992. 154 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- FACCIO, N. B. *Arqueologia dos Cenários das Ocupações Horticultoras da Capivara, Baixo Paranapanema-SP*. 1998. 295 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- FACCIO, N. B. *Arqueologia Guarani na Área do Projeto Paranapanema: Estudo dos Sítios de Iepê, SP*. Relatório apresentado para o concurso de Livre Docência, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2011.
- KASHIMOTO, E. M. *Geoarqueologia no Baixo Paranapanema: uma pesquisa geográfica de estabelecimentos humanos pré-históricos*. 1992. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- KASHIMOTO, E. M. *Variáveis ambientais e arqueologia no alto Paraná*. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- KASHIMOTO, E. M. ; MARTINS, G. R. A problemática arqueológica da tradição cerâmica Tupiguarani em Mato Grosso do Sul. In: PROUS, André; ANDRADE LIMA, Tania de. (Org.). *Os Ceramistas Tupiguarani*. Belo Horizonte: Sigma, 2008, v. I, p. 149-178.
- KASHIMOTO, E. M. ; MARTINS, G. R. *Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Life Editora, 2009.
- LADEIRA, M. I. *Espaço geográfico Guarani-Mbyá: significado, constituição e uso*. Maringá, Pr: Eduem, 2008.
- MANUSCRITO GUARANI. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sobre a primitiva catechese dos índios das missões. *Annaes*, Rio de Janeiro, v. VI, 1879.
- MELIÁ, B. El modo de ser Guarani en la primera documentación jesuítica (1549/1639). *Revista de Antropologia*, v. 25, p. 1-24, 1981.

- MELIÁ, B. Terra sem Mal dos Guarani. *Revista de Antropologia*, p. 33-46, 1990.
- MILHEIRA, R. *Arqueologia Guarani no Litoral Sul-Catarinense: história e território*. 2010. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MOI, F. P. *Os Xerente: um enfoque etnoarqueológico*. São Paulo: Annablume, 2007.
- MORAIS, J. L. *Perspectivas Geoambientais da Arqueologia do Paranapanema Paulista*. 1999. Tese (Livre-Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- MORAIS, J. L. Arqueologia da Região Sudeste. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, p. 194-217, 1999-2000.
- MORAIS, J. L. Tópicos de Arqueologia da Paisagem. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 10, p. 3-30, 2000.
- MORAIS, J. L. Reflexões acerca da Arqueologia Preventiva. In: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; GALLO, Haroldo. (Org.). *Patrimônio: Atualizando o Debate*. São Paulo: CONAP, 2006, p. 191-220.
- MORALES, W. F. Um estudo de Arqueologia regional no médio curso do rio Tocantins, Planalto Central brasileira. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 17, 2007.
- NOELLI, F. S. *Sem tekoá não há teko: Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta Jacuí – RS*. 1993. 128 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- NOELLI, F. S. As hipóteses sobre os centros de origem e as rotas de expansão dos tupi. *Revista de Antropologia*, v. 39, p. 7-53, 1996.
- PALLESTRINI, L. Interpretação das Estruturas Arqueológicas em Sítios do Estado de São Paulo. *Coleção Museu Paulista*, São Paulo, v. 1, 1975.
- PALLESTRINI, L. Sítio arqueológico da Lagoa São Paulo: Presidente Epitácio – SP. *Revista de Pré-História*, n. 6, p. 381-410, 1984.
- PALLESTRINI, L. Projeto Paranapanema: Sítio Arqueológico Nunes – Estado de São Paulo. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, São Paulo, v. XXXIII, p. 129-142, 1988.
- PALLESTRINI, L.; MORAIS, J. L. Prassévichus, Aldeia Pré-Histórica no Município de Itaberá, SP. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série. v. XXIX, p. 151-161, 1983-1984.
- PEREIRA, D. L. T. *Arqueologia guarani na bacia do rio Santo Anastácio-SP: estudo do sítio Célia Maria*. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- SAMPAIO, T. Considerações Geográficas e Econômicas sobre o Valle do Rio Paranapanema. *Boletim da Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo*, São Paulo, n. 4, 1890.
- SCHADEN, E. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: EDUSP, 1974.

SCHIFFER, M. B. Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity*, v. 37, n. 2, p. 156-165, 1972.

SCHIFFER, M. B. *et al. Behavioral archaeology: Principles and practice*. London: Equinox, 2010.

SOARES, A. L. *Guarani: organização social e arqueologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

VIVEIROS DE CASTRO. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ANPOCS, 1986.

Recebido em:14/03/2015

Aprovado em:10/04/2015

Publicado em:17/05/2015